

## Resenha: as Contribuições da Psicologia do Trabalho Empreendedor para as Organizações

Review: The Contributions of the Psychology of Entrepreneurial Work to Organizations

Los Aportes de la Psicología del Trabajo Emprendedor a las Organizaciones

Renatto Cesar Marcondes<sup>1,\*</sup>

<sup>1</sup> <http://orcid.org/0000-0002-8299-0938> / Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (USP), Brasil

Essa resenha objetiva identificar as principais contribuições provenientes do livro *The Psychology of Entrepreneurship: New Perspectives*, organizado por Michael M. Gielnik, Melissa S. Cardon e Michael Frese e publicado no ano de 2021 pela editora Routledge. O livro faz parte de uma coleção maior denominada *Organizational Frontiers Series da Society for Industrial and Organizational Psychology - SIOP*, também conhecida como 14ª divisão da *American Psychology Association*, a APA. A coleção, lançada apenas em inglês, ainda traz outras temáticas importantes para a Psicologia Organizacional e do Trabalho, além de obras a serem lançadas nos anos vindouros.

O livro reúne um combinado de 21 capítulos que almejam atualizar e inserir novas contribuições sobre o conceito e práticas de empreendedorismo em comparação a primeira edição da obra *The Psychology of Entrepreneurship*, de 2007. O primeiro tópico dessa edição está em revisitar os fenômenos psicológicos envolvidos no ato de empreender, como cognição, afeto, motivação, personalidade e comportamento. Em um segundo estabelece-se em discutir avanços nas estratégias para pesquisar sobre o tema bem como maneiras para intervir fomentando a prática em diversas ações do psicólogo nas organizações.

De maneira geral, a obra transita entre conhecimentos acerca do fenômeno de estudo oferecendo capítulos para diferentes níveis de leitores, fato que auxilia sua entrada nos grupos de estudantes, docentes e profissionais de psicologia que ainda não acessaram o empreender como alternativa de carreira. O primeiro trata-se de uma “Introdução a Psicologia do Empreendedorismo”, escritos pelos organizadores com as bases teóricas do conceito de empreender. Para os pesquisadores do campo, o 20º capítulo, de Davidsson, trata de maneira avançada da compreensão de como pesquisar acerca do nexos de causalidade, artefatos e do processo empreendedor, revistando o clássico artigo de Shane

e Venkatamaran (2000), documento de referência nessa temática.

Especificamente, outros capítulos seguem o caminho de trabalhar questões afetivas envolvidas na vivência empreendedora, de fundamental apreensão para o psicólogo nas organizações e em outros campos de atuação. Inclusive, os processos emocionais no trabalho têm sido alvo em maior frequência e importância quando se fala do trabalho, e em especial do empreender como uma forma dele. Nesse sentido, o terceiro capítulo, de Huang e demais aponta para direções futuras em pesquisas sobre o afeto empreendedor, se-ara presente contudo dimensão esquecida por muito tempo na POT, bem como o nono, escrito por Reid e colaboradores, que amplia a discussão em uma digressão sobre o engajamento dos *stakeholders*.

Com proeminência na obra, e evidente importância para a intervenção dos psicólogos, seguem outros textos que investem em compreender as emoções e afetos do empreendedor, e de quem o cerca. O sexto, de Breugst e Preller, descreve o funcionamento dos relacionamentos dentro das equipes de trabalho empreendedoras. Já o décimo, de autoria de Baker e Powell, versa sobre a formação da identidade do fundador, em sua complexidade e inconsistências, que implica nas características culturais da sua própria organização. Ainda acerca dos afetos, no 14º capítulo, Jenkins e Byrne utilizam da teoria da identidade para tratar da falência de empreendimentos e saída dos empreendedores. No 19º, Bort, Stephan e Wiklund encerram esse caminho acerca do bem estar de empreendedores e dos *stakeholders*.

A obra também investe grande parte em descrever as interações do empreender com outros fenômenos psicológicos por meio da epistemologia cognitivista, forma muito comum nos textos em fronteira com a gestão e a administração. Nesse sentido, o segundo capítulo, objetiva atualizar o conhecimento produzido sobre a abordagem desde a primeira edição deste livro. Mitchell

e demais persistem em diferenciar os empreendedores dos não-empresendedores a partir de seus processos cognitivos, caminho teórico presente na literatura sobre empreendedorismo desde o século XVII, mormente na economia. No mesmo trilho, o sétimo capítulo de Mumford e colaboradores apresenta, em uma abordagem subjetivista (Davidsson, 2008), sete habilidades intraempresendedoras que incentivam a inovação, e suas decorrências para aqueles que criam um estabelecimento. Weers e Gielnik apresentam um capítulo clássico sobre educação e treinamento para empreendedores a partir de uma meta-análise. E, a 16ª parte desta obra explora a efetividade a curto prazo e os impactos nas ações cotidianas do empreendedor em propostas de treinamento.

Ainda sobre a cognição empresenedora, o capítulo onze de Frese, discute sua teoria da ação empresenedora, amplamente conhecida no campo. Inicialmente trabalha o conceito de iniciativa pessoal, seguido pela análise de programas de treinamento baseadas em sua construção epistemológica, e por fim, a aproximação teórica com outras abordagens no exercício de integração. O décimo segundo capítulo revisita seu homônimo na versão anterior desta obra com Van Gelderen explorando as competências empresenedoras a partir da visão cibernética. O autor define os antecedentes como motivos e aptidões, os componentes das competências, e suas decorrências para o empreendimento em si.

Outro subgrupo de capítulos indica caminhos para além da POT também estão presentes, como no quarto capítulo que Lerner e demais versam sobre o uso de conceitos da psicologia clínica na pesquisa acerca do empreendedor. Nofal, Nicolaou e Shane na seção subsequente revisam a pesquisa em genética, fisiologia e neurociência sobre empreender. Letwin e demais, no capítulo 13, demonstram por meio de teorias de percepção e persuasão como acontece a relação entre empreendedor e investidor no levantamento de fundos para um negócio bem como no processamento psicológico das informações e estratégias utilizadas pelas duas partes.

O número 17, por Mensmann e Zacher traça um desenho que compara as fases da vida, com suas respectivas características e obstáculos, e como elas se interrelacionam com o processo empreendedor. O texto ainda aponta como o tempo é variável fundamental para compreender o empreendedorismo, ao caracterizar sua relação com questões cognitivas, socioemocionais, físicas e geracionais, diversas nos momentos da vida humana.

Outros capítulos, ainda, dedicam-se a fazer um caminho histórico, geopolítico ou cultural para explicar o fenômeno empreendedor como o oitavo, de Stephan, que caracteriza como a cultura em diferentes mecanismos interferem no processo empreendedor. No capítulo quinze, Stam e Welter discutem os contextos geopolíticos que favorecem ou não o empreendedorismo em uma perspectiva objetivista (Davidsson, 2008), arguindo em favor dos ecossistemas empresenedores. No fechamento da obra Cardon e colaboradores revisitam os capítulos anteriores e exercitam a futurologia acerca da pesquisa sobre empreender para os próximos dez anos.

Há em todo o livro um cuidado dos autores em demonstrar com clareza os conceitos e contextualizá-los a realidade do empreendedor em seu cotidiano, fator que favorece a sua busca como fonte confiável de leitura sobre o tema. Ademais, positivamente, todos os capítulos seguem formato semelhante ao apontar, em seu final, estratégias de pesquisas além de lacunas e agenda futura de estudos em seus respectivos temas e abordagens.

Existe uma variedade de contribuições temáticas e epistemológicas contudo centradas apenas nas visões europeias e americanas sobre o empreender, com baixa contribuição asiática (dois autores de Singapura) e da Austrália (com três). O Brasil, bem como os países das Américas do Sul e Central, não figura na nacionalidade dos autores presentes, assim como países da África, apesar de produções importantes na área do empre-

endedorismo serem provenientes desses continentes. Esse fator contribui negativamente para a transposição de dimensões e variáveis dos fenômenos descritos assim como dos objetivos e agendas de pesquisas para o Brasil e outros países do sul econômico.

Apesar das contribuições interessantes, o livro reflete um dos desafios da psicologia enquanto ciência, superar dicotomias historicamente construídas. A primeira delas está em transitar entre as perspectivas epistemológicas subjetivistas e objetivistas, no caso do empreender em centrar o fenômeno no empreendedor ou no ecossistema, com baixa presença de propostas que combinem olhares diversos. A segunda dicotomia se faz presente na visão do fenômeno psicológico, há um claro predomínio cognitivista com forte aproximação de modelos provenientes da economia e da gestão, inclusive nos textos que tratam de afeto.

A terceira dicotomia está em caracterizar o empreendedor como alguém diferente de qualquer trabalhador. Nas produções dessa obra e em outras europeias e norte-americanas se alça o empreendedor como figura especial, em alguns casos como “sobre humana”, já nas produções latino-americanas, ele é caracterizado como figura espúria, fonte da exploração e do mal-estar dos trabalhadores. Em qualquer contexto, especialmente no brasileiro, o empreendedor é um trabalhador, em busca de vencer para superar a dificuldade de subsistência, 88% dos empreendedores brasileiros o fazem “ganhar a vida porque os empregos são escassos” (Global Entrepreneurship Monitor, 2020, p. 57).

A demanda por saúde mental no trabalho é factual dentro das organizações e percebida pelos indivíduos, e essa obra torna-se uma forma de acessar ao conhecimento necessário para a saúde do empreendedor. Psicólogos podem oferecer serviços, em diferentes níveis de intervenção, para empreendedores com negócios de diversos tamanhos, especialmente para micro e pequenos empreendedores e informais. A base dessa obra é proveniente de países com contextos diversos, contudo as experiências e aprendizagens podem ser aproveitadas se consideradas à medida da realidade brasileira. O profissional de POT não é o “lobo mau”, nem o salvador dos incautos, todavia um promotor de maior saúde e produtividade nas organizações de trabalho, e atuar com empreendedores é cumprir com essa função importante para a sociedade brasileira.

Ao ponderar a estrutura e conteúdo dos capítulos, bem como os fatores que contribuem positiva e negativamente recomenda-se, ainda, a leitura do material e o uso de suas contribuições, com os devidos cuidados que toda transposição exige. *The Psychology of Entrepreneurship: The New Perspectives* renova-se e conquista outra vez seu lugar de referência como manual para os estudos psicológicos acerca do empreender, tal qual o papel exercido pelo seu predecessor.

## Referências

- Davidsson, P. (2008). *The Entrepreneurship Research Challenge*. Chaltenham, UK: Edward Elgar Publishing Limited.
- Global Entrepreneurship Monitor. (2020). *Empresendedorismo no Brasil*. Curitiba: IBQP.
- Shane, S., & Venkatamaran, S. (2000). The promise of entrepreneurship as a field of research. *The academy of management review*, 1(25), 217-226. <https://doi.org/10.2307/259271>

## Informações sobre o autor:

**Renatto Cesar Marcondes**  
Av. Prof. Mello Moraes, 1721  
Cidade Universitária, São Paulo, SP, Brasil  
E-mail: renatto@usp.br